

12
para a obra
A OBRA DAS MISSÕES



1942



▼
Cena baptismal na
Missão de S. Tomé
▼



Courelas e casas
na Brava — notar o
aspecto calcinado



▼
Vivenda de um
nativo de S. Tomé

As Missões merecem

Responde um prêto...

Tu, Branco, que dizes servir o trabalho das missões para complicar apenas a vida dos Pretos e perturbar a sua felicidade, falas assim porque estás na tua terra de facilidades e não conheces o valor nem a grandeza do Evangelho.

Qual será a coisa, abstraindo de Cristo, que, possuída pelos homens, lhes dê absoluta satisfação? É o dinheiro? A família? A boa saúde? Trabalho compensador? Tudo isso, fora de Cristo, não é nada; tudo isso é incapaz de dar a plenitude.

Que tornará feliz os pagãos? As relíquias? A magia? Os deuses? Tudo isso é loucura. Poderás tu, Branco, dizer que o Prêto é feliz quando, por obediência aos seus deuses, cobre a cabeça de imundície e se deita na mais tremenda porcaria? É para a sua felicidade que ele se cobre de amuletos? É por ter a paz que ele aceita, dentro da sua cubata a presença de serpentes, julgando que são mensageiras dos deuses? Nada disso! Ele faz todas essas coisas sob o império do temor.

Não! É tremenda mentira dizer que o Prêto é feliz na situação em que se encontra. Eu fui pagão e sei que não existe

um só pagão que deseje ser possessor do seu demónio, do seu deus. Quando isso acontece todos eles dizem: «É a minha pouca sorte! É a minha desgraça!» Estas palavras mostram bem que o Prêto não é feliz no estado em que se encontra, e que não aceita o fardo da sua criação com alegria mas com resignação.

É o prêto civilizado, mas não cristão? Treme quando pensa em viajar de noite! Tem medo das trevas porque a noite é o reino dos bruxedos. Tem medo da coruja; tem medo dos perságios maus que lhe são dados pelos diversos animais que atravessam as estradas e a tal ponto que, por ve-

zes, interrompe a sua viagem e volta para casa. Tem medo de ir na companhia deste ou daquele porque ouviu dizer que é um bruxo capaz de dar

a doença e a morte. Liga ao corpo toda a espécie de remédios para protecção contra a doença ou que lhe darão bênçãos no seu trabalho tais como encontrar muito dinheiro ou ser amado pelos patrões.

Donde vem tudo isso senão da falta da paz que vem de Deus? Ele procura esta paz por todas as

o nosso auxílio?

maneiras mas não sabe como a encontrar. Dá-se a muitos males mas tudo quanto encontra é a dúvida, o medo, a desconfiança de tudo, a incerteza, nenhuma estabilidade na vida. Por isso, tu Branco, que és instruído, que tens ciência, que te ris de todas as superstições, chamando-lhes apanágio dos ignorantes, como poderias com verdade dizer que o Africano é feliz na situação natural em que se encontra? Ó branco, já pensaste que a superstição

é uma fonte de infelicidade? Não vês que é preciso fazer desaparecer a nuvem da superstição que envolve o mundo prêto? A civilização, a higiene, a ordem, podem vencer certas rudezas do homem exterior; podem torná-lo delicado, embora nem sempre porque vemos aldeias de «civilizados» onde a vergonha



Um grupo de alunas internas na Missão da Luz, entre Quiocos da Lunda

não existe. O homem verdadeiramente civilizado porá muita ordem na sua vida, na sua aldeia e fará terminar a superstição.

Maldita superstição africana! Quem poderá libertar o Prêto desse seu inimigo mortal? Só Cristo, só Ele e mais nada. É Cristo quem me libertou da minha afeição aos amuletos, do temor do feiticeiro e dos maus preságios. Tudo isso é vencido por Cristo.

Quando tu compreenderes tudo isso, tu não dirás que o missionário é para o Prêto um factor de perturbação. Ser pagão é viver numa condenação perpétua. Quanto a mim vejo que a pretensa per-



Um grupo de raparigas aguardando lugar na escola da Missão da Luz, Lunda

turbação que nos advém do missionário é uma grande sorte que tira do ventre do Preto o medo que lhe domina a vida e, por outro lado, o conduz na vida da segurança pela fé na vida futura.

Ndongo

Responde um branco...

Missões! palavra santa, dever sagrado, cruzada nobre de alto ideal que dignifica ao que abandona a sua terra e tudo quanto o rodeia para se entregar a uma tarefa mais própria dos anjos que dos homens.

Levar aos sêres, que de humanos só têm a forma, a esperança, que transforma a monotonia do seu viver e a fé que lhe abre novos horizontes que se estendem através do infinito e cujos limites são o trono do Todo-Poderoso.

Eis o trabalho do que, com uma noção nítida, parte para terras longínquas e inhóspitas entre tribus selvagens que pululam em muitas regiões da terra.

Missões! Quantos homens, longe do seu lar têm dado as suas vidas para colocar uma pedra no grande edifício da cristianização dos povos!

Jesus, antes de abandonar a terra deu uma missão aos seus, dizendo-lhes: «Ide por todo o mundo, levai a Boa-Nova» ide, eu estarei convosco, o vosso trabalho será grande, a vossa tarefa árdua mas sublime, sereis pescadores de homens, embaixadores de Deus, orientadores da justiça, tereis por trabalho regenerar o criminoso, dignificar o escravo e semear entre todos o bálsamo do amor que emana dos céus. Santo será o ventre

que tais homens gera. Virtuosos os corações dos que não anhelam outra ambição que a de conduzir almas aos pés de Cristo.

Quando ouvimos falar de missões, o nosso pensamento é transportado até aos continentes, países e ilhas onde o cristianismo não penetrou e os seus habitantes se entregam a práticas pagãs e a vícios que já não deviam ter lugar no nosso século.

Se pudéssemos fazer uma viagem pelos campos missionários, constataríamos quanta miséria, quanto abandono, quanto mal reina ainda e que

necessita ser dissipado. O cristianismo muitas vezes é mal ensinado, exteriormente manifesta-se um sentimento religioso mas o viver do povo é a negação da fé no Nazareno. Alguns europeus que nas suas terras eram incapazes de explorar, maltratar ou mesmo atropelar fôssem quem fôssem, uma vez em África, convertem-se em carrascos dos indígenas que lhes cultivam as terras, que produzem uma enorme riqueza social sem consumirem nada dela. Infelizmente, o missionário vê muitas vezes desmentida a moral que ensina por aqueles que se chamam cristãos. Mas no meio de toda a miséria humana, com os olhos fitos no sacrifício e redenção oferecida por Cristo, o missionário faz a sua obra. É nos campos missionários que o espírito carece de voar até às fronteiras do infinito. É ali, onde corações cheios de altos ideais se estiolam muitas vezes sem atingirem os mais belos desejos do seu coração. As missões hoje necessitam mais de enviados de Deus que de enviados dos homens...

O trabalho das missões não é servir este ou
(Conclui na página 16)



Os alunos da Missão à saída da Capela

As Missões e os pequeninos

A mortalidade infantil em África vai de 25 a 75 %. No interior, especialmente, a média ultrapassa 60 %; isto quer dizer que sessenta bebês sobre 100 morrem antes de terem atingido a idade de um ano.

Quais as razões? Elas são simples. Acompanhai-me a uma aldeia indígena e compreendereis.

A aldeia é composta de um grupo de choças perto de um curral. O estrume acumula-se até às portas. As cabanas são feitas de paus a pique e cobertas de lodo interior e exteriormente. O tecto é de capim. Não há janelas nem chaminés para que o fumo saia. Fazem o fogo justamente no meio da casa e o fumo sai como pode. Resultado: A cabana é sombria e infestada de bicharia; o chão está sujo se bem que poderia ser varrido freqüentemente; não há camas; as pessoas dormem sobre esteiras estendidas no chão. Toda a família dorme nesta choça.

E' nestas condições que nasce um bebê. Para cuidar do recém-nascido, são empregados diferentes costumes: certas tribus têm o hábito de esfregar a criança toda com terra vermelha. Outras misturam terra com óleo. Outras ainda empregam bosta de vaca fresca. O bebê dorme sobre a esteira.



Ribeira do Ilhéu — Congregação Adventista, distribuição da sopa aos pobrezinhos

As mósas e outros insectos pululam de volta dele, particularmente em volta dos olhos e da boca. O bebê não deve tomar o leite da mãe durante alguns dias, mas é alimentado com um cozido de farinha muitas vezes muito espessa, feita de raízes de mandioca. As conseqüências são graves e conduzem muitas vezes à morte. A mãe deve levar o frágil pequeno ao rio e lavá-lo em água fria. Quando a mãe sai para trabalhar na horta, ata o seu bebê às costas com uma pesada cobertura ou uma pele de animal. O seu corpo mantém o bebê no calor e muitas vezes fá-lo transpirar. Então levanta-o e põe-no ao pé duma árvore enquanto trabalha. A criança constipa-se e contrai uma pneumonia.

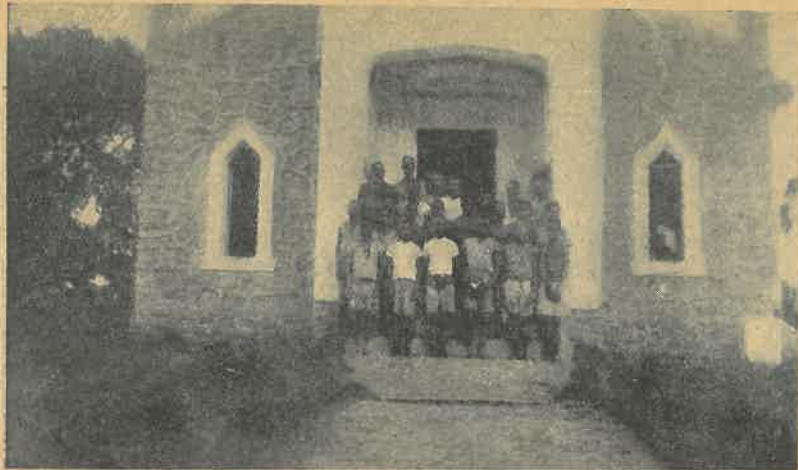
Têm estas verdadeiramente necessidade de uma clínica para bebês, dum lugar onde possam aprender como tratar dos seus filhos? Elas amam os seus bebês tanto como as outras mães de toda a parte.

O Doutor E. Morel, do Hospital Missionário de Songa, fala-nos de uma mãe que fez a pé 104 quilómetros para chegar ao Hospital com um bebê de 15 dias! Que queria ela? Ela tinha ouvido dizer por outra mãe, que havia estado no Hospital, que se dava ali ins-

(Conclui na pág. 12)



Pequeninos da Congregação da Brava — Cabo-Verde



Rapazes quiocos, à porta da Capela depois do culto

Partindo do Lobito são precisos uns 800 quilómetros de percurso, que se fazem de comboio, para se chegar a Vila Luso. Uma vez ali tem de se tomar um automóvel e percorrer mais 160 em direcção ao norte para se chegar à nossa Missão. Ela fica situada na região que os *quiocos* ocupam — o vasto distrito da Lunda — e é uma das mais isoladas dos núcleos europeus. Sòmente a 45 quilómetros é que encontramos um pequeno burgo europeu, onde está instalado o Pòsto Administrativo e alguns comerciantes.

Nesta grande área estão estabelecidas 2 missões protestantes, e, na sède da circunscrição, uma católica. Podemos dizer que a nossa missão é a única desta região que tem podido manter um professor português. Desde 1935 que essa manutenção se tem feito regularmente. Essa circunstância tem sido, evidentemente, uma vantagem para a instrução do nativo. Por isso os europeus que conhecem os alunos que freqüentam a nossa escola primária, dizem que «na Missão Adventista há rapazes que falam bem o português».



Os internos da Missão da Luz e seus professores

Temos actualmente um internato para ambos os sexos. Há 4 anos que os nossos antecessores edificaram um dormitório para rapazes e outros para raparigas. O primeiro pode comportar mais de 30, e o das raparigas, que no fim do ano passado aumentámos com 2 compartimentos laterais, pode receber mais de 50. Nesse tempo chegaram os primeiros internos com a obsequiosa sanção da autoridade administrativa.

Temo-los recebido, os que são das aldeias distantes, e que por isso não podem freqüentar o externato.

O internato é uma das maiores bênçãos de Deus. Disciplina o aluno no trabalho regular e mais inteligente, fá-lo mais robusto, anda mais bem alimentado e forma com mais eficácia o carácter cristão. Por via de regra, o quioco, bem como todo o nativo das selvas, trabalha apenas o suficiente para não morrer de fome e ter com que pagar o imposto. E muitas vezes devido à sua tradicional apatia pelo esforço perseverante nem para êste arranjanja. Porém uma vez que êles estejam integrados na idêia de que o homem só vale pela sua energia, tornam-se bons trabalhadores.

Quanto às raparigas, o internato também as beneficia na aprendizagem da costura, no conhecimento da constituição dum lar higiênico e protege-as contra a degradação a que estão sujeitas. Elas gostam de estar na Missão porque sabem que ali são bem tratadas e recebem educação.

De tempos a tempos aparece lá qualquer rapariga, vinda sòzinha da sua aldeia, pedindo para entrar na Missão como interna. As razões apresentadas são quási sempre as mais justas: uma porque a sua família a queria entregar a um homem de quem ela não gostava, e que queria ser educada na Missão; outra porque sabe que as raparigas da Missão são mais felizes e se instruem, não como as outras que não têm que vestir e são, às vezes, mal tratadas; outra ainda porque sendo escrava, o seu senhor a trata mal, e pede para se educar na Missão. A escravatura é uma coisa que existe ainda entre êles. A própria família, que neste caso é geralmente o tio, não se importa de vender o sobrinho ou

uiocos»

sobrinha a trôco duma vaca, dumas cabras e até dum porco, conforme a idade do rapaz ou da rapariga. A escravatura pode ter também origem numa sentença dum julgamento por crime de morte, o qual é quasi sempre praticado por envenenamento ou até por uma dívida não paga. O réu é obrigado a indemnizar a família do assassinado ou o devedor ao credor que consiste muitas vezes em dar como escravo um ou dois membros da sua família de entre os rapazes ou raparigas. Se o escravo se queixa à autoridade para se tornar livre, é claro que pode sê-lo. Da mesmo modo as queixas apresentadas pelo nativo são tratadas segundo as leis. Mas ordinariamente não fazem assim, o escravo fica na sua situação e todos os outros assuntos resolvem-nos entre eles.

Nos casamentos das raparigas é o pai, o tio ou o irmão mais velho que lhes arranjam noivo a trôco duma dádiva que geralmente é uma manta e 2 ou 3 cabras. As raparigas oferecidas em casamento têm quasi sempre apenas 12 ou 13 anos e o noivo pode ter até o triplo da idade. Mas na Missão não é assim, já se vê. Se o rapaz deseja falar a uma determinada rapariga para fins matrimoniais e já em idade própria, fala com o missionário neste sentido e este consente se ela declara aceitar.

Por via de regra, quando a rapariga foge para a Missão, a família dela ou o sobeta da sua aldeia vão ali para tentarem o seu regresso, mas as suas démarches têm sido sempre em vão. Chamamos a rapariga e se ela expõe as suas razões diante deles, e declara terminantemente que quer ficar na Missão, eles têm de a deixar lá e irem-se embora, o que geralmente fazem amigavelmente depois de os termos persuadido a respeitarem a boa decisão da rapariga.

Pensando agora no movimento escolar do ano findo, mencionamos que fechámos esse período com 37 raparigas e 16 rapazes internos. O número de externos foi de 22. Acêrca dos alunos das escolas aldeãs, foram 80, aproximadamente que as frequentaram. Eis portanto uns 150 alunos — rapazes e raparigas — que estiveram durante o ano findo sob a influência cristã desta Missão.

A agricultura tem prendido também a atenção especialmente



Capela da Missão da Luz com dois quiocos cristãos

desde quando estabelecemos o internato. Assim nos últimos 3 anos fizemos 4 boas lavras onde semiámos uma boa parte de milho, feijão, amendoim, etc. e plantámos 150.000 pés de mandioqueiras. Esta última é a alimentação principal do quioco.

Temos nesta Missão também um pequeno dispensário com um enfermeiro nativo. Além das doenças tropicais e dos ferimentos feitos sobretudo pelos jacarés, o nativo está sujeito às mesmas doenças como as da Metrópole: a sífilis, a tuberculose, a lepra, a pneumonia, a gripe, a bronquite, etc.

Quanto às escolas aldeãs anexas a esta Missão, temos actualmente 5. Inaugurámos uma no fim do ano passado que dista da Missão apenas 7 quilómetros. Nada dispendemos para o seu estabelecimento pois que os nativos interessados foram os próprios a edificaram a casa para o mestre e a outra para a escola. Esperamos que o instituto catequístico da nossa Missão principal do Bongo, Lépi, nos mandem este ano mais 2 ou 3 quiocos que ali têm estado a tirar o seu curso. Trabalho não falta. Os obreiros é que são poucos e o dinheiro também não abunda para realizarmos integralmente a obra



Um professor quioco e sua família



O Soba que governa a área da Missão da Luz

salutar que Deus põe diante de nós em toda a face da terra. As autoridades na sua boa política de tolerância em face do trabalho que estamos fazendo, têm-se mostrado complacentes para com as nossas missões permitindo-nos livre acção e nomeadamente a abertura de novas escolas.

As escolas aldeãs são estabelecidas no meio das aldeias distantes das missões. A que está mais distante da nossa fica a 70 quilómetros. O missionário precisa de visitar de tempos a tempos, como inspector e pastor, as suas escolas. Não há na nossa área, entre a missão e as suas escolas — como acontece em geral com todas as outras missões — estradas de comunicação para que essas viagens se possam fazer de carro, de moto ou mesmo, muitas vezes de bicicleta: um carreiro estreito feito por passos dos nativos, através do mato, eis tudo. Por esta razão o único meio de transporte é a tipóia. E se queremos ir a pé também não é mau. Às vezes é até o meio mais variável de fazer a viagem. Para visitarmos 2 das nossas escolas, as mais distantes, temos de passar por *anharas* por vezes encharcadas. Ali a melhor coisa que se tem a fazer, é descalçar os sapatos, arregaçar as calças até aos joelhos e pôr-se em marcha lenta e cuidadosamente para evitar que por descuido se enterre uma perna nalgum buraco. Este exercício dura às vezes para nós mais duma hora, sobretudo na época das chuvas. O pretinho, porém, faz isso em metade do tempo e escorrega menos vezes a-pesar de ir carregado.

As chuvas intermitentes aparecem-nos com frequência a fazer-nos companhia nas nossas viagens. Já se vê que temos de continuar o percurso até que encontremos uma aldeia para nos abrigarmos e mudarmos de indumentária se não trouxer-

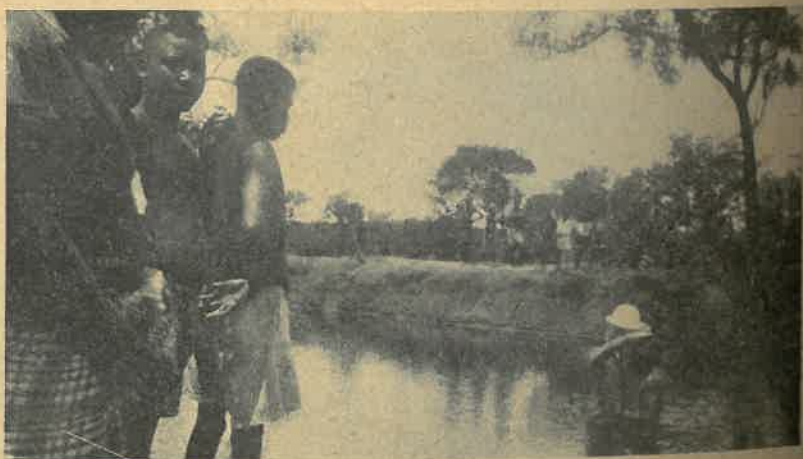
mos impermeáveis que nos cubram da cabeça aos pés, daqueles que costumam usar os marítimos. Num caso destes e se a chuvinha continua, e se o abrigo ainda está longe, o melhor que há a fazer é tirar toda a indumentária, ficando apenas com as cuecas. Marcha-se assim optimamente debaixo de chuva. E se nessa ocasião houvesse um fato de banho era até melhor. Quando chegamos próximo da aldeia devemos vestirmos melhor pondo um casaco e umas calças para, ao entrarmos ali, não darmos aos pretinhos a impressão de que um branco qualquer decidiu viver como eles. Depois de instalados e

de termos mudado de roupas, sentamo-nos ao pé do fogo com os amigos pretinhos. Os companheiros de viagem que trazem a carga, tomam também as suas disposições para deixarem de estar molhados. Consiste apenas em tirarem as suas tanguas, torcerem-nas, tornarem a pô-las e irem sentar-se também ao pé do fogo. Este é para eles também o cobertor nas quadras frias.

Quanto a refeições e dormidas, temos de vir convenientemente prevenidos da Missão: mantimentos; quarto ambulante ou simplesmente roupa de cama, quando não trazemos barraca; trem de cozinha ou uma espécie disso. Sim, porque no mato não há mercearias, nem mercados, nem hotéis. Eles não precisam de se preocupar com essas coisas como o branco. A casa e as refeições encontram-nas eles em qualquer lar dos seus irmãos de raça. E quanto a fadiga? Nada disso. O branco cansa-se mais não levando absolutamente nada do que eles carregados como burrinhos.

Ao fazermos estas viagens de visita às nossas escolas ou em *tournées* por ocasião das férias esco-

(Conclui na página 16)



Um baptismo entre quiocos

A mulher missionária e sua gloriosa função

Para agir eficazmente na formação ou, melhor dizendo, na transformação das mulheres sertanejas, não basta o ensino teórico em cursos. As palavras pronunciadas nesses cursos passam sobre as cabeças das ouvintes como as estêreis nuvens do estio. As mulheres pretas precisam do exemplo. E como fornecer-lhes esse exemplo? Vamos explicar como a esposa de um nosso missionário africano resolveu o problema.

Depois de numerosas experiências em cursos muito simples de puericultura, de cozinha, de costura, etc. a nossa missionária chegou à conclusão que era necessário formar as mulheres dentro do seu próprio lar. Estas seriam depois um exemplo para toda a aldeia.

A primeira rapariga chamada para o serviço doméstico foi Efala que mais tarde adoptou o nome de Bismuto porque, tendo-o ouvido, lhe pareceu mais soante. Bismuto foi ensinada com toda a paciência nos segredos da arte doméstica. Aprendeu a costurar, a cozinhar, a limpar a casa. Mas o que ela mais gostava era tratar do bebê. Quando chegava a hora do banho não se sabia ao certo quem sentia maior prazer: se o bebê a chapinhar na água se a rapariga que se deixava salpicar de água. A princípio assistia à função como simples espectadora e o seu sorriso misterioso indicava bem a sua satisfação interna. A sua alegria foi ao máximo quando um dia lhe puseram nos braços o infantil fardo precioso e lho confiaram aos cuidados da sua ensaboada. Com toda a ternura, ela vestiu o garoto e o deitou no seu berço. Então assentou-se junto da janela e sonhou muito tempo. Quando despertou do seu sonho foi ter com a missionária e disse-lhe:

— Minha senhora, quando eu tiver um bebê também lhe darei todos os dias um banho.



Gentil grupo de cônjuges que se casaram para se baptizar



Um grupo de cristãos em S. Tomé

E com efeito, não levou muito tempo que Bismuto, vestida de branco e com um soberbo ramo de noiva no braço entrou na sua vida conjugal.

Outras aprendizas vieram e nenhuma delas escapou à fascinação do banho matinal.

Mais tarde a nossa missionária fez uma visita à aldeia próxima. Ficou admirada, silenciosa e pasmada. As cubatas alinhavam-se em boa ordem de cada lado das ruas bem varridas. Onde estavam as estrumeiras que em geral cercam as aldeias pretas? Onde estavam os enxames de mósas e de mosquitos? Nada disso existia e ela ficou admirada. Lá aparece a saltar de alegria a gentil Bismuto.

— Minha senhora, venha a minha casa.

Na sua cubata havia uma janela de cortinas brancas e uma mesa com uma toalha de alvura imaculada.

— Agora vamos à nossa capela.

Foi construída pelo marido de Bismuto que é o professor na aldeia. A missionária entrou e deteve-se no lumiar. Esperava ver lá dentro o agrupamento desordenado das mulheres sujas e selvagens.

Mas nada disso! As mulheres lá estão assentadas em ordem, silenciosas, bem penteadas, com vestidos simples, e nos seus braços os seus pequenos bem lavados e ensaboados. Grande mudança se operou! Elas falam com calma, com inteligência, fazem as suas perguntas, sobretudo quanto à maneira de criar os pequenos.

A nossa missionária responde e manifesta a sua surpresa. Então as mulheres dizem com vivacidade:

— E' que nós temos agora uma mãe: Bismuto sabe instruir-nos...

A nossa missionária sente-se feliz e fatigada como quem teve um longo e penoso dia de trabalho.

Depois a visão de outras aldeias passa diante dos seus olhos e a sua fadiga desaparece.

A sua tarefa começa apenas!

Além das fronteiras



Missionário Adventista no meio dos pequenos carajás

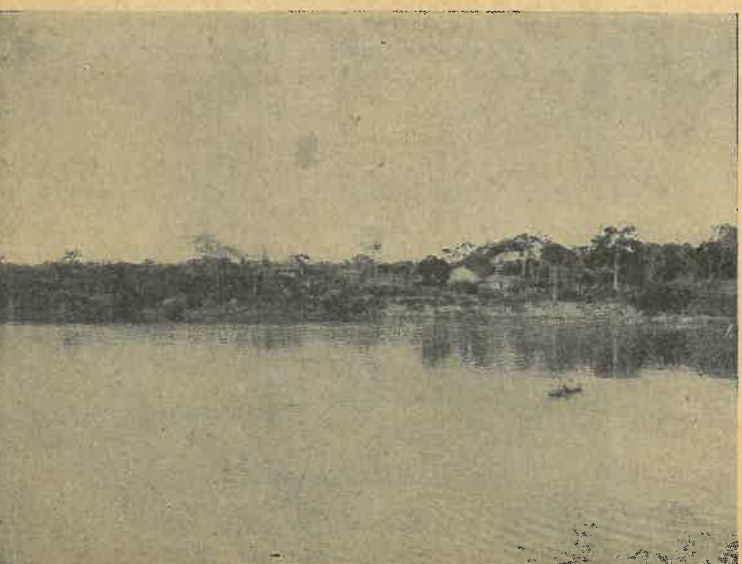
O instinto de abnegação, de piedade, de amor ao semelhante, não desapareceu ainda da superfície da terra nem dos corações das gentes.

Individual ou colectivo, partindo dum grande espírito generoso, duma instituição, dos próprios poderes públicos ou duma associação de seres humanos, êsse instinto, apesar de tudo, vem atravessando as idades e os costumes, mais vivo, mais persistente na alma dos homens.

Ora sob o aspecto de núcleos de beneficência, ora sob a forma de leis protectoras, como uma projecção radiante das religiões, essa piedade vai espargindo por tãda a parte, entre os infelizes, o consôlo, a esperança, a alegria, que são as grandes felicidades da vida — felicidades a que todos aspiram, a que todos têm direito e dão à existência a sua verdadeira e única finalidade.

E tão poderoso, tão forte, tão resistente tem

Missão Adventista nas margens do Araguaya



sido êsse instinto que nem os preconceitos, nem o mercantilismo, nem a celeridade do progresso, nem as transformações sociais, políticas e económicas, puderam ainda arrefecer ou diminuir a sua vitalidade. É que dentro de cada um de nós, no nosso sub-consciente, permanece êsse sentimento de caridade, de amor, de amparo ao nosso semelhante, como permanecem também a dúvida, o receio, a incerteza, que podem transformar o nosso destino.

Nenhum homem — ai de nós! — por mais equilibrado, por mais seguro nos seus ríjios predicados biológicos e morais, poderá deixar de pensar nessas tormentosas variações do destino, que nos podem atirar bruscamente nessa vala comum do infortúnio!

A piedade não é, pois, uma deliquescência da nossa personalidade — é um sentimento desabrochado ou latente do homem normal — sentimento puramente cerebral, enquanto o egoísmo, o ódio, a inveja, a maldade, são estados viscerais inferiores, dependentes da imperfeição funcional de outros órgãos. E já dizia Pascal que se devia temer como um flagelo um homem de mau estômago.

* * *

Na história da civilização há de ficar, como uma das mais brilhantes etapas, fulgurando através dos tempos, a obra de piedade cristã dos Adventistas, fundada em 1844 — há quâsi um século — essa Ordem de grandes abnegados jámais esmoreceu na sua incomparável tarefa. Instalando hospitais, criando escolas, erguendo asilos, abrigando indigentes, levando a palavra de fé e de bondade às mais remotas regiões da terra, êsses incansáveis semeadores do bem, vivem sorrindo aos sacrifícios e se encorajam numa admirável serenidade.

Nos temerosos sertões africanos, nas florestas bravias da Índia, nos desertos, nos regelados cumes dos Andes, na bárbara



Índias carajás das margens do Araguaya

as da Civilização

selva amazônica, em todos os recantos, em toda a parte, em todos os lugares do mundo, onde haja o sofrimento, a ignorância, a miséria e a descrença, os heróicos

missionários erigem as suas tendas, convocam os seus habitantes, percorrem as regiões mais escusas e levam a palavra de consólo, o gesto de benevolência, o alimento ou o remédio, o alívio e a cura — a certeza de que outra criatura vela, trabalha, sacrifica-se para salvá-la.

Não há, realmente, mais sensibilizadora manifestação de fraternidade entre os homens, nem mais larga idéia de abnegação.

A formidável legião dos Adventistas, é a mais perfeita organização humanitária dispersa pelo globo.

Religiosos, médicos enfermeiros, internam-se por montanhas, florestas e rios, afrontando os mais terríveis perigos: a crueldade e a traição das feras, a mortificação das moléstias, a repulsa dos nativos, toda uma seqüência infundável de ameaças, de desconfiança, de hostilidade, repontando a cada passo na rude jornada.

A sua tarefa de benemerência assinala-se a todo o momento, ora na fundação de estabelecimentos de ensino na Ásia, ora abrindo leprosas na África, ora edificando templos na Oceânia, e por toda a parte, em todos os continentes desdobrando a sua grandiosa e admirável piedade.

Mas essa obra de suprema bondade não precisa, felizmente de elogios:

Ela aí está, imensa e evidente, transparecendo nas suas estatísticas e ostentando superiormente o vasto acervo de benefícios.

Os adventistas estão localizados em mais de cem países; mantêm um corpo de saúde de mais de três mil médicos; custeiam mais de duas mil escolas para os navios e espalham a caridade e a crença em mais de quatrocentas línguas e dialectos.



Um perigoso crocodilo abatido pelo Missionário Adventista e seus companheiros. É comum no Araguaya

Só esses expressivos algarismos bastariam para realçar a beleza e a grandiosidade da sua missão — só eles traduzem todos os louvores e toda a comovida gratidão dos homens de boa vontade.

Aurélio Pinheiro

(Extraído da *Revista da Semana*, Rio de Janeiro de 1934).



Índios do Araguaya

Índia carajá
Repare-se no enfeite pendente do lábio inferior e a marca da tribo na face





Cidade de Mindelo e Porto de S. Vicente

~ CABO VERDE ~

Ainda não há muitos meses tive a oportunidade de visitar e estudar a vida desta nossa importante colónia. Nestas curtas linhas desejo apenas focar alguns aspectos dos nossos compatriotas cabo-verdeanos.

Nas 10 ilhas da colónia vivem para cima de 160.000 almas. Quando em 1460, o genovês António de Nolle, às ordens do Infante, aportou pela primeira vez à ilha de S. Tiago, as ilhas estavam desertas e sem cultivo. Há 482 anos que o povoamento das ilhas é obra de portugueses. Os primeiros colonos portugueses foram buscar à Mina e outros pontos da costa africana os braços de pretos para o arroteamento daquela terra algo ingrata. Nos tempos das perseguições religiosas contra os judeus alguns fugiram para o meio daquelas ilhas desertas e dêles devem descender muitos dos honrados cabo-verdeanos com apelidos israelitas e tipo peculiar do arquipélago. Da mistura inevitável de raças proveio o cabo-verdeano, de traços europeus bem vincados, de côr trigueira, olhar inteligente e simpático, muito trabalhadores, muito pacientes no sofrimento, muito resistentes na adversidade, bastante altivos (o que é próprio de quem se reconhece com certo valor), e extraordinariamente amigos da sua terra.

Em prova desta minha última afirmação, passo a narrar um resumo de conversa que tive com certo cabo-verdeano, antigo «embarcadio» da América, onde juntou uma razoável fortuna. Estranhei-lhe, para o experimentar, o facto de ter saído pobre do arquipélago, de ter vivido largos anos na América da limpeza, da riqueza, das probabilidades e de, finalmente, ter vindo enterrar o seu capital numa ilha onde nem uma farmácia havia, onde não tinha uma escola capaz para a instrução dos seus, onde estava a braços com uma calamidade tão espantosa que até a própria água para beber faltava. Ouviu o meu libelo, pensou um momento e, depois, respondeu-me: «Sim, a América é um grande país onde se ganha bem e se vive bem. Mas se eu não tivesse vindo enterrar todo o

meu dinheiro aqui, já não vivia, porque tinha arrebitado de saudades». Confesso que fiquei comovido perante a sublimidade do amor da pátria naquele coração cabo-verdeano e lembrei-me de uns versos escritos por uma cabo-verdeana estudante em Lisboa:

«Que mistério em ti habita
E que força assim me incita
A de ti saudades ter?
Terra! O minha terra amada!
Se para os outros não és nada,
P'ra mim tudo hás de ser!
Árida, estéril, que importa
Se teu nome me conforta?
Se te quero na lembrança?
Se lembrar-te, ó terra minha,
É ver-me pequeninha
Nos meus tempos de criança?

(*Escarpas Caboverdeanas*, de Maria da Luz Monteiro de Macedo)

O cabo-verdeano é mais amigo da instrução que o metropolitano. Na metrópole tenho encontrado muitos pais que preferem mandar os filhos para o campo e até mendigar do que mandá-los para a escola. Pois não é verdade que na metrópole há uma média de analfabetos superior a 50 % da população total? É das estatísticas. Pois bem, há ilhas em Cabo-Verde nas quais o analfabetismo está extinto! E' muito raro encontrar um rapaz ou rapariga nos tempos actuais que não tenha a instrução primária. Haverá alguém que ignore ser o cabo-verdeano aluno quasi sempre distinto das nossas faculdades e também das faculdades americanas? Na boa cidade do Mindelo, ilha de S. Vicente, tive a oportunidade de ver a febre com que todos defendiam o liceu local. Estavam dispostos a entregar à tropa todos os edificios, incluindo o da Câmara Municipal mas só pediam que lhes deixassem o edificio do Liceu porque — disseram-me alguns — tinham receio que o Governo Central acabasse com êle sob pretexto de não ter casa. Os próprios empregados da Câmara fizeram a mudança para local inferior, muito contentes na idéia que,

pelo menos, se salvava o seu «rico liceu». E' que o liceu era a única porta para os estudos superiores e o cabo-verdeano quer que os seus filhos sejam alguém. Qual será o metropolitano que não ache louvável esta atitude?

Como expressão da alma cabo-verdeana temos de considerar a sua língua e as formas populares da literatura. Falam o crioulo, mistura de português do século XV, português moderno e termos importados dos dialectos africanos a que deram revestimento português. E' um português desfigurado na morfologia e no syntaxe. A mocidade aprende o português correcto nas escolas mas nem os alunos nem os professores cabo-verdeanos falam nas suas casas e entre eles êsse português. Parece que têm vergonha de falar «à política», como dizem os nossos provincianos. Como curiosidade passo a escrever alguns versos do afamado poeta bravense Eugénio Tavares, na sua *Morna da Despedida*:

Hora di bai
Hora di dôr
Ja'n q'rê
Pa el ca manchê!
De cada bêz
Que'n ta lembrâ,
Ma'n q'rê
Ficá'n morré.

.....
Se bem é doce
Bai é maguado,
Mas si ca bado
Ca ta birado!
Si no morré
Na despedida,
Nhor Des na volta
Ta dano bida.

Hora de despedida
Hora de dôr
Eu bem desejaria
Que ela não amanhecesse!
De cada vez
Que dela me lembro
Prefiro antes
Ficar e morrer.

.....
Se o regresso é doce
A partida é maguada,
Mas quem não parte
Também não pode voltar!
Se morrermos
Na despedida
O Senhor Deus na volta
Nos tornará a dar vida.

O caboverdeano ama a poesia e a música. Nes



Nova Sintra — Capital da Brava

tempos felizes em que as nuvens despejam a chuva fecundante, em que as searas são prometedoras e a cisterna está cheia, todos exteriorizam as suas esperanças em canções ou mornas. A sua alma é tão cheia das harmonias que até nos enterros é freqüente ouvir música de instrumentos de corda. E, contudo, não há uma modesta escola de música em parte nenhuma do arquipélago, devendo ser muito raros os professores da especialidade! Quis-me parecer que é uma grande falta esta para as raparigas das classes remediadas porque a música é celestial, é a melhor maneira de expulsar da alma as tentações diabólicas, útil instrumento para vencer aquêle pêso do insolamento que acabrunha o metropolitano, passados dias de lá chegar. Afigura-se-me que o meio é propício aos estudos da marinharia e da música.

Nos tempos que passei em Cabo-Verde assisti em algumas ilhas à maior crise que é possível imaginar-se. De tempos a tempos, as nuvens recusam-se a dar água e os habitantes vêem desaparecer a verdura dos campos, morrer o gado, acabar a água da cisterna, minguar o caudal das raras nascentes

e o espectro da miséria e da morte bate-lhes à porta. Custou-me muito a convencer que tais crises não possam ser evitadas. Ainda não estou convencido disso. Não posso admitir que haja ilhas — no meio dêsse imenso reservatório de águas que é o oceano — em que praticamente não haja fonte abundante.

Já alguém disse: «A crise mais grave de Cabo-Verde dura há séculos e continua crescendo a par dos remorsos de a não termos reduzido ainda.» (*Portugal Crioulo*, de Augusto Casimiro, pág. 18-18).

Muito tem feito e continua fazendo o nosso Governo. Creio mesmo que no passado nunca se fêz pelo cabo-verdeano o que está



Nossa Senhora do Monte — Brava



Uma classe de catequese infantil

fazendo o Estado Novo, quer através de Lisboa quer na pessoa das autoridades locais.

É sistema português de estar à espera que o Governo faça tudo. Creio que as instituições particulares e sobretudo as Igrejas, as Missões deveriam exercer a sua parte. Está ali um vasto campo para a prática da caridade cristã. Morrem dezenas de pequeninos com fome e com frio.

A miséria é má conselheira. É porém de admirar que não haja um maior número de roubos e de deshonestidades. Tive a oportunidade de falar com metropolitanos que descreviam a vastidão da imoralidade. No fundo reparava que tal estado se devia em grande parte aos brancos. Mas também tive a oportunidade de conviver com elementos das classes trabalhadoras e verifiquei que o cabo-verdeano, de ambos os sexos, aspira a uma vida honrada com tanto anelo como qualquer outro exemplar da raça humana. É ver como as pobres cabo-verdeanas acarretam sacas pesadíssimas, à cabeça, nos cais das alfândegas! É ver como os cabo-verdeanos se empurram à procura de trabalho em qualquer lugar onde lhes pareça que o encontram!



Estudantinhos da nossa escola de S. Tomé

Nota-se a falta de centros espirituais. Nas aldeias nada há feito no campo da cristianização. Por vezes há lá uma igreja cristã mas onde se limitam a dizer, de tempos a tempos, uma missa em latim. Ora parece que a missa em latim é uma forma de culto para pessoas iniciadas nos mistérios da fé. Não é dos actos cultuais o que está mais indicado para cristianizar. Ali necessitam-se centros missionários onde seja instruída a infância, onde seja até alimentada a infância desvalida; onde sejam tratados os doentes; onde seja ensinado, na língua nativa, o Evangelho de Jesus. É um trabalho vastíssimo onde deve haver lugar para todos. E ajudar esta obra missionária é

ainda cooperar com Deus na salvação dos homens e continuar o esforço da raça para «dilatar a fé e o império».

A. Dias Gomes

Director das Missões Adventistas Portuguesas

AS MISSÕES E OS PEQUENINOS

(Conclusão da página 3)

truções às mães e ela vinha para saber como cuidar do seu filho, como alimentá-lo e banhá-lo. Era uma pagã, mas queria aprender.

Estou assistindo a uma reunião de missionários. Discutem problemas das missões. A sr.^a Mote fala da sua obra na Missão de Russangu, entre os povos Batonga e Baela. Eles têm uma grande escola de raparigas. Outrora era muito difícil fazer vir raparigas para a Missão; agora têm ali mais de cinquenta para instruir. Há algum tempo um bebé do sexo feminino, foi levado para a Missão. Os seus pais morreram. A sr.^a Mote é uma mulher muito activa. Falou com as raparigas que prometeram ajudá-la se a Missão quisesse tomar a pequena órfã. A criancinha era objecto das lições em classe. Esta deu às raparigas uma boa preparação em vista do seu futuro papel de mães. O bebé cresceu e ia melhor do que se estivesse numa aldeia.

Outra ocasião um convite foi feito às mães para trazerem os seus bebés à clínica. Fez-se preparativos para dez, mas vinte e sete mães vieram com os seus bebés para que eles fossem lavados, pesados e fossem objecto de uma visita geral.

É nos necessário a todo o custo, clínicas para bebés.

C. Roger

Missiandrio na Zambézia

AS NOSSAS MISSÕES EM CABO VERDE

Pretendo em palavras simples dar conhecimento das nossas actividades missionárias nestas paragens.

A nossa missão foi iniciada em 1935 e tomei conta dela em Março de 1941. Conheço apenas as seguintes três ilhas do

arquipélago: S. Tiago, Fogo e Brava. Em qualquer destas ilhas e, com certeza, também nas outras, a espiritualidade do povo reclama a luz do Evangelho. O nosso principal centro missionário encontra-se em Nossa Senhora do Monte, na ilha da Brava e daqui têm partido todos os raios de luz adventista para as outras ilhas. O nosso trabalho encontra muitas dificuldades porque ensinamos o povo a viver na verdadeira vida cristã, renunciando aos vícios, à poligamia e adoptando uma vida limpa de toda a mancha, de harmonia com os mais elevados princípios da higiene e moral. Ora tal trabalho é difícil em qualquer lado e muito mais aqui. Contudo, na ilha da Brava encontra-se um ambiente propício à fé porque muitos dos seus filhos têm estado nos países civilizados e, em especial, na América onde tiveram oportunidade de se familiarizar com o Evangelho de Jesus. A instrução religiosa na Brava é deficientíssima. Há duas congregações cristãs dirigidas pelo mesmo ministro, uma na aldeia e outra na vila mas a sua acção missionária é por assim dizer nula. O povo vive na superstição o que aliás acontece em muitos países considerados como cristãos na Europa.

Ao chegar a este lugar notei que o trabalho mais urgente era interessar a juventude que se encontra na borda do abismo. Organizámos uma sociedade cristã com uns 70 jovens de ambos os sexos. Tivemos o privilégio de desviar alguns do jogo, da bebida e das suas conseqüências trágicas. Continuam a divertir-se, porque a vida cristã não é tristonha, mas escolhem os divertimentos sãos e próprios de cristãos civilizados. Alguns deles até começaram a cultivar o plano de dedicar a sua vida à evangelização dos seus compatriotas. E estou certo que muito poderão fazer porque são filhos de um povo hospitaleiro, pacífico, afável e trabalhador.



Grupo de catecúmenos baptizados

Organizámos já os começos da nova missão no Fogo e fazemos planos para nos estabelecer na ilha do Fogo, logo que recebamos os reforços que necessitamos. Na Ribeira do Ilhéu temos um grupo de crentes e todas as facilidades nos são prometidas por quem de direito. Ao mesmo tempo estamos melhorando a nossa casa da vila de Nova Sintra e procuramos abrir outra no porto da Furna. Assim desde o mar até ao cimo da serra haverá três lugares onde os investigadores da verdade e os sequiosos da doutrina de Jesus poderão repousar e tomar alento. Damos graças a Deus pela simpatia de que nos vemos rodeados. Temos a esperança de que muitos braveses se unirão a nós depois de feita uma investigação cuidadosa dos princípios do Evangelho. Uma outra razão pela qual estamos animados é que temos a certeza que as autoridades locais nos consideram como leais portugueses, sempre prontos a auxiliar todos os planos que estejam de harmonia com os ideais de Jesus. A 7 de Março tivemos uma festa espiritual na nossa Missão; 10 catecúmenos foram baptizados e recebidos como membros regulares; a um apêlo para consagração a Deus e aceitação dos princípios cristãos, 21 pessoas se manifestaram com alegria.

A Brava é a ilha mais verde do arquipélago. Este ano porém teve uma calamidade que já não lhe acontece há muitas dezenas de anos: não choveu. A esperança do braveses agricultor repousa sobre a chuva. Tudo está queimado! As duas únicas nascentes da ilha mal chegam para o abastecimento de água às pessoas e animais e como não estão em terreno plano não podem alimentar nenhuma verdura. A chuva é indispensável para os usos domésticos, pois é armazenada em cisternas. Quasi todas as cisternas estão secando. O povo

(Conclui na página 16)



A nossa Congregação em S. Tome

A 24 de Abril de 1941 partimos de Lisboa, no vapor *Angola*, ao som de dois hinos animadores entoados por cerca de cem amigos e irmãos adventistas que se aglomeraram no cais da Fundição para a nossa despedida.



Ganhos a Jesus em S. Tomé

Passados que foram dois dias, um número igual de adventistas nos aguardava na ilha da Madeira.

Finalmente, chegámos na madrugada de 8 de Maio à ilha de S. Tomé que nos surpreendeu com a sua beleza, e novamente um bom grupo de adventistas nos esperava com muita ansiedade; porém, desta vez, embora os sentimentos dos nossos confrades fossem idênticos, o ambiente mudara de côr, e achámo-nos num meio perfeitamente distinto.

S. Tomé recebeu-nos em festa. É que viajara connosco s. ex.^a o Governador da colónia e s. ex.^{ma} família. A-pesar-de estarmos tam longe da Mãe-Pátria, sentiamo-nos dentro dela, pois ao redor de nós pulsavam de patriotismo milhares de corações que aclamavam aquela entidade,

Portugal e os seus grandes Chefes Impressionou-nos sobremaneira o espectáculo; brancos e pretos irmanados no mesmo sentimento patriótico, vibravam de entusiasmo. Ocorreu-me naquele instante o genuíno sentimento cristão, que não conhece barreiras raciais.

Por mais que se escreva ou se fale da ilha de S. Tomé, nunca se esgota o assunto para se enaltecer a sua beleza. Até o seu povo com os seus costumes tem a sua graça.

Tal como as outras ilhas do mesmo grupo, é de origem vulcânica; o seu solo é muito acidentado, erguendo-se em montanhas alterosas, muitas das quais a rema'ar em picos muito elevados, apresentarão as formas mais caprichosas. O pico de S. Tomé, com mais de dois mil metros de altitude, é o remate do sistema orográfico da ilha, apresentando no seu vértice uma superfície triangular com cerca de sete metros por lado.

Desde o mar até aos mais elevados cumes das montanhas, a ilha é revestida de espessa e exuberante vegetação. À beira-mar crescem as elegantes palmeiras, os graciosos coqueiros e muitas outras árvores que, pela sua beleza e simetria, enchem de majestade a paisagem; a zona superior é caracterizada pelo gigantesco ipé, pela silva e fetos arbóreos e por árvores de climas temperados, tais como a laranjeira, a tangerineira, a pereira, a macieira e outras, que produzem frutas excelentes.

As plantações de café e cacau, as cachoeiras admiráveis formadas no curso de alguns rios, os nevoeiros espessos que tão depressa se formam como se dissipam, os lampejos constantes nas noites escuras e os costumes e superstições do povo ignaro, produzem no via-

jante observador surpresas extraordinárias e impressionantes.

Não obstante as riquezas naturais da ilha, os seus habitantes atravessam presentemente uma crise tremenda — como, aliás, todos os povos do mundo, na emergência actual — valendo-lhes de muito o espírito solidário que em geral manifestam.

Ao contrário do que muitos possam imaginar, S. Tomé tem filhos ilustres, empreendedores e inteligentes, alguns com cursos superiores e outros colocados em lugares de responsabilidades, quer públicos quer particulares; todavia, a maioria dos nativos é inculta e de princípios quasi primitivos; as fotografias que acompanham as nossas palavras apresentam, aos que nos lerem, um bom número dos que têm sido arrancados das densas trevas do obscurantismo, pelos abnegados missionários. Quantas canseiras e quantos sacrifícios isso representa, só Deus e nós o sabemos, mas é no meio destes sacrifícios que sentimos o maior prazer e privilégios, por estarmos convencidos de que não há trabalho mais ennobecedor que desbravar as asperezas produzidas por uma vida de pecado, e irradiar e incutir os puros e simples ensinamentos da nossa civilização, através do Evangelho de Jesus.

Para poderdes avaliar até onde vai a ignorância dêste bom povo, descreverei em poucas palavras um caso de superstição muito vulgar.

Quando alguém adoece, em vez de recorrerem a um médico, buscam um feiticeiro a quem chamam cirurgião, para que revele a causa do mal; o curandeiro tem vários processos para descobrir a causa, mas o mais comum é por meio de um espelho, o qual desvenda ao feiticeiro tudo quanto precisa para indicar à família do doente o tratamento a fazer. Se o mal foi motivado por dívida que o doente não pagou no outro mundo, donde veio, a família terá de a pagar do seguinte modo: prepara os objectos em dívida, de tamanho deminuto, e transporta o doente e os objectos para junto de uma cruz ou de uma encruzilhada; uma vez ali, todos os presentes chicoteiam fortemente o doente e fogem. O tratamento ficou feito; se não melhorar... morre. No caso de o doente ser perturbado pela alma de uma pessoa de família falecida, que vagueia com fome, consoante o que o feiticeiro lê no espelho, assim



Recém baptizados em S. Tomé

terão de pôr em prática; geralmente manda matar um porco ou uma galinha, preparam um banquete, servem em primeiro lugar a refeição a fornecer à alma a-fim-de aplacar a sua fúria, deitam-na num lugar indicado para o efeito, passando eles em seguida a banquetear-se com as sobras. Se a doença não fôr grave... o doente pode melhorar.

Este é um dos muitos casos da credência desta pobre gente no meio da qual nos encontramos, e pela qual arriscamos a nossa saúde e a nossa vida.

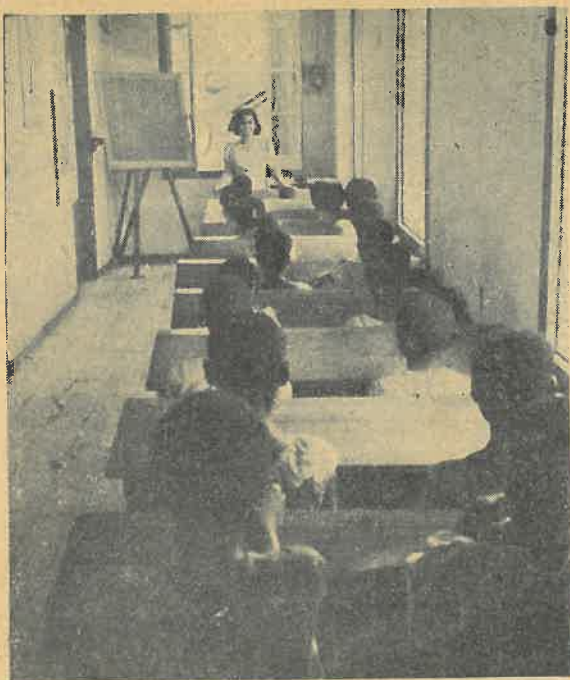
Não nos sentimos sòzinhos, graças a Deus; no nosso querido e glorioso Portugal, e mesmo bem perto de nós, há almas bondosas, possuídas dum coração generoso e grande, que apreciam o nosso esforço em benefício dos filhos desta ilha. Para aquêles que no passado responderam ao nosso apêlo, vão os nossos agradecimentos sinceros com a certeza de que o todo-Misericórdia observou o seu gesto e os recompensará.

S. Tomé, 24 de Abril de 1942.

J. S. Grave



Grupo de cristãos de S. Tomé



Missionária C. Grave na sua Escola

AS MISSÕES MERECEM O NOSSO AUXÍLIO ?

Responde um branco...

(Conclusão da página 2)

aquêle interêsse, optar por esta ou aquela maneira de dirigir os destinos dos povos, mas o trabalho do missionário é o de instruir o indígena, ensiná-lo a trabalhar, torná-lo à nossa imagem e semelhança, ensiná-lo a respeitar e inculcar nêlé um ideal mais elevado ao que êle tem hoje—numa palavra: Civilizá-lo.

Civilização! — Como é querida no nosso tempo de *Angústia* e luto, é dentro das máximas sagradas do Evangelho que os homens assimilam mais facilmente a educação e dão um passo à frente. «Tôda a educação que não é religiosa não completa o homem e não consegue senão, pelo menos, a fazer um animal inteligente. E' um erro pensar que êle só é grande pela ciência; êle só é grande, êle só é homem pelo conhecimento de Deus. Eis a nobre missão do que, sem se importar com o que atrás fica, e com o coração transbordando de amor pelo seu semelhante se embrenha pelos bosques do continente africano, nas nossas colónias, em busca de almas a quem possa dizer bem alto: Arrepende-te! porque o dia em que terás de prestar contas se aproxima. E' neste espírito que os verdadeiros missionários fazem o seu trabalho, pondo em prática o Evangelho seguindo os belos ensinamentos de Jesus: «Amái-vos uns aos outros como eu vos tenho amado:»

José Freire

Missionário em S. Tomé

«ENTRE QUIOCOS»

(Conclusão da página 7)

lares, através das populações ainda não alcançadas pelas escolas aldeãs, pensamos que se as aldeias isoladas fôsem concentradas e abertas estradas ou pelo menos picadas entre as missões e essas concentrações, facilitaria o trabalho do missionário e do catequista, e maior número de aldeias seriam alcançadas pelo trabalho salutar das escolas. O quioco, apesar da sua proverbial apatia pela civilização, gosta das nossas escolas e da mensagem adventista. O nosso trabalho tem de ser feito como uma obra de movimento e não apenas de *trincheiras* para cumprimento de mui estimado mandato do Nosso Senhor que disse que o Evangelho do Reino seria proclamado a «tôda a nação, tribu, língua e povo» «em testemunho a tôdas as gentes e então virá o fim».

Tivemos o privilégio de receber pelo baptismo, realizado no fim do ano passado, 52 novos membros de Igreja. E' o maior número de baptismos que se têm realizado nesta Missão.

Jerónimo Falcão

Antigo professor e director da Missão da Luz-Angola

AS NOSSAS MISSÕES EM CABO VERDE

(Conclusão da página 13)

corre às nascentes; é preciso estagiar umas 12 horas para poder obter uns 20 litros de água, tal é a concorrência do povo e a escassez da veia de água. A situação é bastante crítica.

Temos prestado o auxílio que nos foi possível. Em proporção às necessidades podemos dizer que nada se fez. Sabemos que a nossa organização vai fazer o possível para reforçar a nossa verba e dar-nos a possibilidade de não deixar morrer à fome as almas que foram resgatadas por Jesus. Pode o prezado leitor ter a certeza que o auxílio recebido pela aquisição desta revista irá em parte mitigar muito sofrimento; a vossa boa vontade e generosidade será também para nós motivo de estímulo para continuar no cumprimento desta obra que queremos levar àvante custe o que custar. Antecipadamente e reconhecidamente vos agradece este que está ao serviço do Senhor e empenhado na salvação destes nossos compatriotas

João Esteves

Missionário

Suplemento da REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia.

Director: **A. Dias Gomes**

Administrador: **P. Brito Ribeiro**

Redacção e Administração:

Rua Joaquim Bonifácio, 17 — Lisboa-Norte

Comp. e imp. na Imprensa LUCAS & C.
Rua do Diário de Notícias, 61 — LISBOA

Estatística

Em obediência à ordem do Mestre aos seus discípulos: «Ide, ensinaí tôdas as nações...» e ainda em cumprimento das palavras contidas no Seu magistral discurso profético de que «Êste Evangelho do reino será prègado em todo o mundo, em testemunho a tôdas as gentes, e então virá o fim», a igreja Adventista executa tal ordem sustentando actualmente as suas missões em 412 países e ilhas e evangelizando em 824 línguas e dialectos. Essas missões ocupam 28.900 evangelistas, médicos e enfermeiros. Possuem em todo o mundo, 153 sanatórios, hospitais e dispensários. 126.761 alunos recebem instrução ministrada nas suas 2.877 escolas primárias e secundárias por 6.535 professores. 79 casas publicadoras editam literatura em 202 línguas, num valor anual de 317 mil contos

SEDES

das Congregações Adventistas

- Lisboa* — Rua Joaquim Bonifácio, M. A.
Pôrto — Rua de Santo Ildefonso, 376, 2.º.
Portalegre — Rua dos Muros.
Tomar — Rua da Fábrica, 7.º.
Coimbra — Rua da Sofia, 181.
Barreiro — Rua Vinte de Abril, 17.
Vila Real de Santo António — Rua 31 de Janeirc, 32.
Ribeira de Niza.
Funchal — Avenida João de Deus, 7.
Ponta Delgada — 1.ª Rua de Santa Clara, 2.
Brava (Cabo Verde) — Nossa Senhora do Monte.
S. Tomé — Caixa postal, n.º 349.
Nova Lisboa (Angola) — Caixa postal, n.º 3.
Missão de Mungulúni — Correio de Munhamade, Quelimane.
— Moçambique.



«Em verdade a seára é grande
mas os obreiros são poucos»